

## **A ESPETACULARIZAÇÃO DO TRADICIONAL: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRENÓPOLIS – GO NA MÍDIA**

*Ronypeterson Miranda<sup>1</sup>*

### **Resumo**

A Festa do Divino Espírito Santo é uma celebração que foi difundida no Brasil graças à colonização portuguesa. Sendo assim, é possível encontrar tal manifestação em Paraty, no Rio de Janeiro, em Mogi das Cruzes, em Diamantina e demais cidades. No estado de Goiás, citam-se as cidades como Jaraguá e Pirenópolis, onde na última, os festejos em louvor ao Divino foram registrados como Patrimônio Imaterial Cultural em 2010. É salutar expor que, a singularidade da Festa em Pirenópolis desperta olhares de pesquisadores, de turistas e da mídia televisiva. O presente artigo propõe-se em analisar como essa expressão cultural local é vista nos documentários produzidos e se há alguma interferência direta ou indireta no marketing turístico da cidade. Usar-se-á para a análise três materiais midiáticos sobre a Festa: uma reportagem de junho de 1995, exibida no programa Globo Rural da emissora aberta Rede Globo; o material produzido pela equipe do Iphan para o registro da celebração como Patrimônio Imaterial Cultural; e outra reportagem de junho de 2011, exibida no programa Bem Vindo Romeiro da emissora aberta TV Aparecida. Deixa-se uma ressalva de que, este texto é apenas uma pequena parte dos frutos de uma pesquisa maior desenvolvida para uma dissertação que será defendida no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da Universidade Estadual de Goiás, sob as orientações do Professor Doutor Ademir Luiz da Silva.

1935

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Quando se propõe em analisar uma manifestação cultural como a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – GO é preciso verticalizar de forma perspicaz o eixo de interpretação. Pois, o cidadão Festejo, embora aconteça em um município no interior do país – cuja população não ultrapassa a marca de 30 mil habitantes – exala uma complexidade astronômica que perpassa os meios econômicos, históricos, espaciais, identitários dentre outros. Logo, para esse artigo, optou-se por transitar, a partir de dados, apenas no que tange a demanda turística local durante a Festividade e a relação das mesmas com a produção midiática a seu respeito, esclarecendo assim, que não é intenção da pesquisa, analisar os elementos estéticos e técnicas das produções audiovisuais em si, porque isso demanda tempo e constituirá o arcabouço de pesquisas futuras.

---

<sup>1</sup> Mestrando no PPG Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – TECCER da Universidade Estadual de Goiás – UEG.

Logo, para dar cenário à Festa<sup>i</sup>, buscou-se, primeiramente, a origem da Celebração<sup>ii</sup> enquanto processo histórico, e depois contextualizar o cenário festivo com o município onde tal Festa acontece. Pois, assim como a linguagem, as tecnologias, e as ideologias, as festas também passam por mudanças e adaptações com o passar dos tempos e de acordo com a necessidade daqueles que dela participam e organizam.

*A priori*, percebe-se que, a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis atrai os olhos não apenas de seus expectadores, que podem ser compostos por moradores e visitantes, mas também de estudiosos, que lançam olhares interpretativos sobre a temática. Para isso, citar-se-á o trabalho de Carlos Rodrigues Brandão que versa sobre as Cavalhadas<sup>iii</sup> (1974) e sobre a o culto ao Divino e a outros santos (1978) dentro do calendário festivo do Divino sob uma perspectiva antropológica. Assim também faz Céline Spinelli (2009) ao estudar as Cavalhadas.

Ao que tange aos elementos folclóricos, Câmara Cascudo (1964) destaca não apenas a origem, como também a disseminação do culto ao Divino Espírito Santo no território brasileiro. Sobre o medievo encontrado de forma visível e/ou mascarada na Festa, encontrar-se-á pesquisas de Rivair Macedo (2000). E ainda sob os olhares da geografia, Carlos Eduardo Santos Maia (2002) desvela toda a tradição cavalheiresca pirenopolina e como ela é formada.

Numerosa é a quantidade de estudos produzidos a respeito dos festejos de Pirenópolis – que não são poucos – não obstante, torna-se intrigante a grandiosidade que a Festa do Divino apresenta perante a festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora do Rosário. Poder-se-ia talvez levantar a hipótese de que a comunidade local que atribui a importância aos seus festejos. No entanto, se essa teoria é de fato provável isso ainda não se sabe. Mas o que se sabe, de fato, é que não apenas os moradores desse município veem o valor da Festa do Divino, o governo a partir de políticas públicas protagoniza um importante papel na espetacularização dessa Comemoração.

A Festa do Divino ganha também destaque na mídia, onde é matéria televisiva frequente. E para este artigo, escolheu-se duas produções audiovisuais sobre a Festa, uma de junho de 1995 e a outra de junho de 2011, ambas exibidas em emissoras de TV aberta.

## **A HISTORICIDADE DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: DA EUROPA AO BRASIL**

Para colocar de forma linear a historicidade da Festa do Divino é preciso, primeiramente, dividir os enredos culturais que existem nessa Manifestação. Pois, a princípio,

tudo era mais ‘simples’, tratava-se de uma celebração religiosa em louvor ao Divino Espírito Santo. Biblicamente, existir-se-ia o tempo certo de cada pessoa da Santíssima Trindade.

Ainda na Idade Média teria aparecido em Portugal um monge considerado santo. Depois de longos anos de retiro no deserto, foi-lhe revelada a vinda próxima de uma nova era de relações entre os homens sobre a Terra: a época do Espírito Santo. A humanidade teria já ultrapassado a época do Pai (o Antigo Testamento) e, ao seu tempo, terminava o seu trânsito por sobre a época do Filho (o Novo Testamento). Estaria para chegar ao mundo a época final, a do Espírito Santo, marcada pelo advento de uma implantação definitiva de paz, do amor e da bondade entre os homens do mundo (BRANDÃO, 1978, p. 64).

Entretanto, é salutar expor que o culto ao Espírito Santo nem sempre foi visto com bons olhos, pois uma prática voltada à ajudar aos pobres era completamente oposta aos ideais da igreja medieval. Assim, as ideias de Joaquim de Fiori, monge que viveu de 1135 a 1202 e primeiro difundiu a devoção ao Espírito Santo foram vistas como afronta à igreja oficial.

O monge voltou às cidades e procurou difundir a revelação recebida [...]. Suas idéias proféticas conquistaram inúmeros adeptos, logo perseguidos por uma igreja oficial, e ao mesmo tempo ‘medieval e fechada’. Segundo a versão, ‘só em Portugal foram queimadas mais de 400 pessoas por sua crença no Espírito Santo’ (BRANDÃO, 1978, p. 64)

1937

Desta forma, acerca da origem do festejo, não se possui uma data específica, visto que cultivar o Espírito era prática já existente nos séculos XI e XII (LIMA, 1985). Mas para um caráter de formalidade, estudiosos como Lopes (1957), Cascudo (1972) e Buesco (1985) apontam que a instituição do culto ao Espírito Santo deu-se em solo lusitano com o auxílio do Rei D. Dinis e Rainha Isabel em 1296. Segundo Barbosa (2002), a ‘Rainha Santa’ ainda teria edificado um templo ao Espírito Santo em Alenquer, Portugal no ano de 1325. Essa tradição se resumia à evangelização e coleta de esmolas para doar aos pobres, e foi essa mesma prática que deu origem à ordem franciscana. Assim delimitada a origem dos festejos em Portugal, buscar-se-á como tal manifestação foi difundida em território brasileiro.

Segundo advoga Brandão (1978), o louvor ao Divino Espírito Santo teria surgido no Brasil por intermédio da sua colonização lusitana, no qual adeptos da crença no Espírito Santo disseminaram essa prática no país. Para o autor citado,

inúmeros adeptos da nova crença migraram para o Brasil, logo depois de sua colonização, e, depois da conquista dos espaços mediterrâneos, ocuparam, prioritariamente, antes as terras de Minas Gerais e, depois, os espaços de Goiás e, em menor escala, os de Mato Grosso (BRANDÃO, 1978, p. 64).

Destarte sua disseminação, é possível verificar festas em louvor ao Espírito Santo em quase todo o território nacional, dito de passagem as celebrações de Diamantina, Rio de Janeiro, Mogi das Cruzes, São Luiz do Paraitinga, São Luiz do Maranhão dentre outras cidades. No Estado de Goiás, elas podem ser encontradas em Jaraguá, na Cidade de Goiás, em Pirenópolis, em Luziânia, em Santa Cruz, em Posse de Goiás, em São Francisco de Goiás, Formosa e outras mais. Não obstante, apenas uma delas é registrada como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – a Festa de Pirenópolis.

Em Pirenópolis, oficialmente a primeira Festa do Divino data de 1819, Celebração realizada pelo Coronel e Comendador Joaquim da Costa Teixeira. Toda via, acredita-se que o culto ao Espírito Santo nesse município seja tão secular quanto a fundação da cidade. Assim, como discorre Brandão (1978) e Silva (2001), 1819 seria o ano em que haveria o primeiro Imperador do Divino – personagem que veria a ser o responsável pela organização e custeio da Festa.

Embora o Imperador seja figura chave do Festejo, é salutar esclarecer que o povo desempenha papel igualmente importante, pois, são eles quem contribuem e colaboram para o acontecimento da mesma, seja a partir de doações, pagamento de promessas ou prestação de serviços. O Imperador, na Festa, é a personagem de interação entre todas as estâncias que perpassam o universo festivo pirenopolino, sejam elas, estâncias religiosas, políticas, econômicas e jurídicas.

Assim, de 1819 até a presente data, a forma de se cultivar o Espírito Santo foi se adaptando ao tempo e às dinâmicas socioespaciais de Pirenópolis. Novos folguedos culturais se fundiram à celebração, e um dos que atrai olhar turístico é as Cavalhadas<sup>iv</sup>. Ao que tange às adaptações na Festa, houve também processos religiosos que interferiram na organização festiva e até mesmo as intervenções jurídicas e midiáticas que interferiram/interferem no acontecimento da Festa até os dias atuais.

O município de Pirenópolis, assim como diversos núcleos populacionais goianos surgiu a partir da busca pelo ouro, quando em 7 de outubro de 1727, Manoel Rodrigues Tomar funda um pequeno arraial de mineração, primeiramente chamada de Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte. Em 2015, Pirenópolis completa 288 anos, e durante esse período, a cidade passou por várias alterações em seus esteios econômicos desde a base mineratória, que em meados do século XIX já estava em decadência e foi substituída pela agropecuária. Já no século XX, soma-se à agropecuária o desenvolvimento do comércio e da exploração de quartzito, na década de 1960 (FALEIRO E LOPES, 2010).

Ainda na década de 1970, surge a atividade turística, formando assim, a base a economia do município, que, atualmente, é sustentada por três pilares principais: Agropecuária; Mineração de quartzito e o Turismo.

## **PIRENÓPOLIS NA MÍDIA**

A atividade turística, mesmo se tratando de uma prática desenvolvida há anos no Brasil, veio a se tornar praticável em Pirenópolis apenas em meados dos anos de 1970 (BATISTA, 2002), data esta, que coincide com o grande *boom* turístico mundial, período em que houve um aumento vertiginoso de viagens em todo o mundo, começando em 1950 e indo até 1973 (OLIVEIRA e YASOSHIMA, 2002). Hoje, o município explora tanto seu acervo histórico e cultural quanto sua natureza, que faz dele, um importante destino turístico. E ainda, é um dos um dos 65 municípios selecionados pelo Ministério do Turismo através do seu Programa de Planejamento e Gestão da Regionalização do Turismo no Brasil.

E ao que tange à sua visibilidade midiática, Pirenópolis já foi cenário para filmes, novelas, e notícias de ampla repercussão em TV de sinal aberto. A respeito de sua mídia espontânea, citar-se-á produções cinematográficas como ‘Simeão, o Boêmio’, dirigido por João Bennio e baseado num conto de Isócrates de Oliveira – pirenopolino – o filme foi exibido por 40 dias no Cine Capri, em Goiânia em 1969. Foi exibido também em Jataí, em Ceres e no Norte do Estado (SINOPSE DOS FILMES GOIANOS, 2015). Ainda na década de 1960, outro projeto cinematográfico de cerca de R\$ 3,000,000,00 foi iniciado. Porém foi finalizado apenas na década de 1990, com exibição em 1999. O filme ‘O Tronco’, com roteiro e direção de João Batista de Andrade recebeu premiação de melhor filme e melhor direção.

Sobre uma personalidade popular pirenopolina, foi feito um documentário de Ângelo Lima, estreado em 2005 no VII FICA – Festival Internacional de Cinema Ambiental, que aconteceu na Cidade de Goiás. O documentário venceu duas categorias do festival: Melhor fotografia (Gel Messias) e melhor Filme (Ângelo Lima). Um longa de grande notoriedade também filmado em Pirenópolis foi ‘Dois Filhos de Francisco’, lançado em 2005. Com direção de Breno Silveira e roteiro de Patrícia Andrade e Carolina Kotscho, o filme narra a história e a trajetória dos cantores Zezé di Camargo e Luciano.

Além de outros filmes, Pirenópolis foi cenário para três novelas da Emissora de TV aberta, Rede Globo. São elas: Estrela Guia (2001), Araguaia (2010) e em Família (2013). Abre-se um adendo com relação à novela ‘Araguaia’, cuja cenas dos primeiros capítulos exibia os Cavaleiros, que concordaram em fazer participação com toda a vestimenta usada durante os

festejos do Divino. Além das novelas, e agora, focando na Festa do Divino, foram produzidos inúmeros documentários. Para a contribuição de análise desse artigo foram escolhidos: o material produzido pela equipe do Iphan para o registro da celebração como Patrimônio Imaterial Cultural de 2010; uma reportagem de junho de 1995, exibida no programa Globo Rural da emissora de TV aberta Rede Globo; e outra reportagem de junho de 2011, exibida no programa Bem Vindo Romeiro da emissora aberta TV Aparecida.

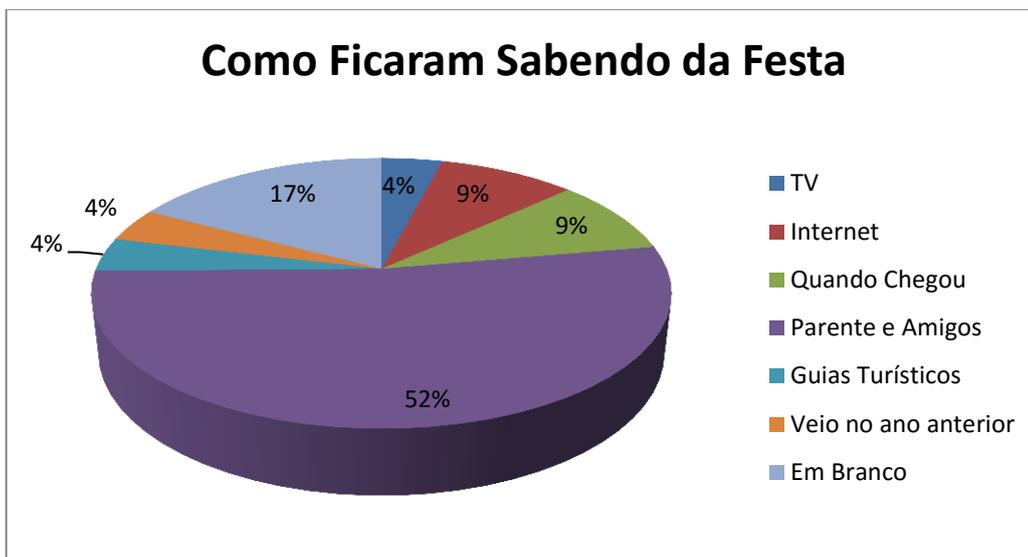
Quando se pergunta a um morador pirenopolino o que a Festa do Divino é, pode se obter respostas variadas, e algumas delas não estarão fundamentadas com o discurso histórico, pois não são todos os moradores que conhecem a produção historiográfica a respeito da Festa. Sendo assim, uma das respostas mais comuns é de que, a citada Comemoração tem origem portuguesa e foi instituída pela Rainha Isabel. Outra resposta igualmente ordinária é a descrição do que é a Festa do Divino. E quando a resposta é essa, o morador local responderia que a Festa é a Folia<sup>v</sup>, é o mascarado, as Cavalhadas, o Reinado, as Pastorinhas e o Ranchão. É tudo aquilo que engloba o itinerário festivo.

Se fazemos a mesma pergunta a um visitante, as respostas variam entre o culto religioso à terceira Pessoa da Santíssima Trindade – o Divino Espírito Santo – e que a Festa seria as Cavalhadas. E assim, nota-se que o conhecimento que os visitantes tem sobre o Festejo é consideravelmente superficial, pois, foi possível observar que o visitante que vem a Pirenópolis por ocasião da Festa do Divino, vem na verdade, em sua grande maioria, para assistir as Cavalhadas.

Não que as Cavalhadas não pertençam ao círculo festivo do Divino, muito pelo contrário. Esse espetáculo equestre a céu aberto é igualmente importante, mas é apenas uma das várias manifestações culturais existentes no circuito tradicional da Celebração de Pirenópolis que dura 64 dias. Desta forma, o visitante que vem no sábado, presencia o auge da Festa, que é as Cavalhadas. Mas não tem conhecimento da totalidade e dimensão que é essa manifestação.

Daí, partiu-se para a análise dos dados obtidos a partir de formulários respondidos por visitantes. Os formulários foram aplicados por acadêmicos do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo e bolsistas do Projeto de Iniciação Científica desenvolvido pela Professora Doutora Tereza Caroline Lôbo, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Canela D'Éma, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pirenópolis. O citado projeto visava verificar a Demanda Turística de Pirenópolis em diversas ocasiões. Uma dessas ocasiões foi durante as comemorações do Divino Espírito Santo. Uma das perguntas existente no formulário, foi como os visitantes ficaram sabendo da Festa.

**Figura 01** – Como os visitantes ficaram sabendo da Festa do Divino em 2012.



**Fonte:** Banco de Dados do Grupo de Pesquisa em Turismo e Gastronomia Canela D’Ema da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pirenópolis.

O que nos chama a atenção, é que, independentemente da novela e das reportagens exibidas sobre a Festa, a maioria dos visitantes souberam dessa manifestação cultural através de amigos. O que nos leva a questionar o poder de eficácia da mídia acerca dos festejos tradicionais pirenopolinos. E quando se pergunta como o visitante soube do destino turístico, isto é, Pirenópolis, o resultado surpreende. Pois, mais uma vez, a resposta de 73% dos entrevistados apontam que souberam do atrativo através de amigos e/ou parentes. A resposta condizente à mídia televisiva é relativamente baixa, porém, existente.

Outro quadro explicativo, pode demonstrar o que realmente os visitantes buscam durante o auge da Festa do Divino.

**Figura 02** – O que os visitantes buscam durante a Festa do Divino em 2012

Motivo da Viagem dos Entrevistados	f	%
Gastronomia	-	-
Visita a amigos e parentes	6	6
Atrativos Naturais	4	4
Atrativos Históricos	1	1
A Festa do Divino (Cavalcadas)	20	20
Descanso	2	2
Pesquisa	-	-
Lazer	15	15
Eventos	1	1
Outros	4	4
<b>TOTAL</b>	<b>53</b>	<b>53</b>

\* A porcentagem das alternativas é feita tomando como base o total de entrevistados que responderam à pesquisa.

Média de respostas por entrevistados = TR (1) 53/TE (2) 45 = 1,1, onde:  
TR: Total de respostas  
TE: Total de entrevistados  
(DENCKER, 1998, p. 201).

Desta foram, é possível perceber que, embora seja significativo o número de visitantes interessados na Festa, nem todos procuram assistir as Cavalhadas, pois, metade dos entrevistados estaria em Pirenópolis naquele final da semana com intenção de visitar outros atrativos. Esse mesmo acontecimento pode ser visto nas pesquisas realizadas em 2010, que mostraram que embora houvesse significativa motivação para que os visitantes estivesse em Pirenópolis devido ao acontecimento do auge da Festa do Divino, não eram todos que vinham para tal ato, pois os atrativos naturais ainda continuam a ser a força motriz dos visitantes ao município.

## **A FESTA DO DIVINO DA TV E A DO IPHAN**

Para sentido de análise dos documentários midiáticos neste artigo selecionados, partimos da Tese de Jean-Claude Bernardet (2003) que diz que uma produção, seja ela cinematográfica ou de cunho de reportagem deve ser produzida pelo povo que a vivencia, pois os mesmos seriam capazes de enxergar o velado existente. Assim, ao analisarmos a reportagem exibida pelo programa de Televisão 'Globo Rural' em junho de 1995, percebe-se que ela faz uma leitura ilustrativa da Festa; uma narrativa que busca alguns fatos históricos e o que a produção da reportagem achou de peculiar.

O Documentário do Globo Rural, que pode ser encontrado em duas versões (uma oficial editada pela Emissora, e outra Gravada no Dia em que ela foi exibida). A versão oficial e editada pela transmissora abre a reportagem com imagens da tradicional Folia do Divino, que ao voltar para a cidade transforma-se em um espetáculo grandioso. A dimensão é tamanha que, é possível encontrar os tramites políticos dentro da Festa. A reportagem do Globo Rural exemplifica isso, quando mostra o então candidato a Governador do Estado na frente da chegada da Folia. É talvez, a partir da interferência política que se há nos Festejos, que a espetacularização começa, pois a Festa passa não apenas a exercer um momento de fervor religioso e momento de alusão à 'profanidade', vira um 'Termômetro político'.

A reportagem da Globo ainda versa um acontecimento que, para eles poderia ser apenas um ato do cotidiano, mas para os moradores locais o significado era muito maior. Ao longo da reportagem, os produtores se deparam com a morte de um folião do Divino, que nas

filmagens vira um momento dramático. O drama vivenciado pelos foliões é muito maior do que a morte, pois segundo a crença popular, folião só morre na Festa do Divino se a tradição não for cumprida. Exemplo de uma dessas crenças, é que a rota dos pousos de Folia devem ser elaborados para que, em hipótese alguma, os caminhos se cruzem, ou coisas terríveis aconteçam.

Após evidenciarem o drama da morte, eles partem para o auge festivo, que vai do Sábado do Divino até o terceiro dia das Cavalhadas. Perpassam pelas personagens folclóricas como os Mascarados<sup>vi</sup>, explicam as origens medievais das Cavalhadas e terminam a reportagem com os Cavaleiros descarregando suas armas de pólvora seca em frente da Igreja do Senhor do Bonfim, o que analisando, pode representar signos da valentia do pirenopolino.

O que a reportagem do Programa ‘Bem Vindo Romeiro’ exibida em junho de 2011 faz é semelhante. Eles procuram os elementos estéticos da Festa para serem apresentados, repetindo basicamente o mesmo discurso resumido acerca da origem do Folguedo que é feita pela reportagem do ‘Globo Rural’. A reportagem faz uma abordagem levemente fundamentada acerca da história da cidade e sua formação até tempos recentes. Explica o nome do município e expõe seus esteios econômicos. O que muda de uma reportagem para a outra, está no contexto em que cada uma delas foi filmada.

A produção midiática do ‘Bem Vindo Romeiro’ mostra em sua reportagem entrevistas com moradores locais; um deles, historiador. Entrevistam também, uma figura singular da cidade, o Sr. Pompeu Christovam de Pina<sup>vii</sup> o qual, normalmente era fonte de pesquisa de todas as reportagens que seriam exibidas. São entrevistados também outros ‘guardiões da Cultura’, além do Secretário da Cultura, que explana como foi todo o processo de reconhecimento da Festa como Patrimônio Imaterial Cultural.

Em Pirenópolis, a Festa do Divino Espírito Santo foi registrada no ano 2010 (IPHAN, 2010). Para que isso fosse possível, reuniu-se uma equipe de profissionais e moradores locais, dando início ao processo de registro em janeiro de 2008. Houve toda uma análise do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, o Manual de Aplicação para o registro de bens culturais intangíveis. Seguindo esse manual, completam a primeira etapa desse processo, que constituiu no levantamento de todas as referências bibliográficas e documentais acerca da Festa do Divino.

Foram inventariadas cerca de 60 referências culturais associadas direta ou indiretamente com os ícones do Divino, as quais muniram os executantes do projeto de todo um aparato histórico, fortalecendo assim o discurso que justificava a importância do registro desse Festejo. Após a leitura sobre a Festa, mapeou-se os espaços geográficos que a

celebração do Divino envolve. E devido à extensão de seu recorte espacial e temporal, foi necessário dividir as equipes em diversos grupos, para que todos os eventos (alguns deles simultâneo a outros) pudessem ser devidamente registrados.

O trabalho de campo teve início em fevereiro e teve uma extensão de 64 dias, pois segundo o Dossiê da Festa (IPHAN, 2010), essa é a extensão existente na Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, começando no domingo de Páscoa ao seguindo até o feriado de Corpus Christi.

Durante o trabalho de campo, a produção do material de pesquisa acerca da Festa totalizou em 30 mil fotografias, das quais, 1500 foram selecionadas para ilustrar a festa e seus ícones diversos. Ainda foi produzido também, um montante de 130 horas de material bruto de vídeo. Esse material resultou em duas produções no formato de Documentário, um de 01h50min de duração, e outro 25min que são exibidas no Museu do Divino em Pirenópolis. Após o encerramento do dossiê de salvaguarda da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, restava apenas a avaliação do material desenvolvido e a concepção do Registro da Festa como Patrimônio Cultural Imaterial Nacional, título recebido em 2010.

O material exibido acerca da Festa no Museu do Divino é o que mais se aproxima da realidade festiva. Pois o mesmo, contou com uma grande bagagem metodológica e estratégica, para que, no final, fosse possível ser ter noção do que é a Festa e do tamanho de seu itinerário. E ainda assim, quando delimitam que a Comemoração em louvor dura aproximadamente 64 dias, eles deixam de fora, um evento que recentemente se incorporou às comemorações: os Terços dos Cavaleiros, que se iniciam em Janeiro. Logo, a duração da Festa é muito mais extensa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando se propõe em verificar as produções midiáticas acerca da Festa do Divino, percebe-se que a veracidade encontrada em cada uma delas é condizente ao que acontece – em partes – nas comemorações. O que pode delimitar influenciar, talvez, na profundidade que esses documentários podem trazer, seja de fato o tempo e o público que espera atingir. Quando se elabora um documentário formatado para programas da Televisão Aberta, espera-se que eles sejam práticos e diretos, pois o mesmo, além de informar, deve também trazer audiência. Outro fator muito importante é quem faz as produções e qual é o elo que liga o produtor com o objeto que está sendo filmado. Pois, para que se intenda uma cultura de forma propriamente dita, é preciso vivenciá-la.

Logo, a partir dos dados expostos, é possível delimitar que as produções midiáticas interferem no fluxo turístico da Festa, porém, o público alcançado por essas mídias é pequeno. Poder-se-ia talvez ocorrer uma mudança desses dados em novas pesquisas. Mas para fins dos anos de 2010 e 2012, as produções audiovisuais eram menos efetivas do que a propaganda feita por parentes e/ou amigos. O que resta agora a fazer é, a partir de novas pesquisas, identificar métodos de maior eficácia propagação.

Algo muito notório e utilizado são as *pages* e as redes sociais, responsáveis pela divulgação espontânea de qualquer assunto, e com a Festa do Divino não seria diferente. É possível identificar a partir da ferramenta de busca rápida *hashtags* a participação ativa de moradores e de visitantes na divulgação em redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*, onde é possível encontrar postagens como a do dia 19 de Janeiro de 2015:

Figura 03 – Postagem encontrada na Rede Social *Facebook*.



1946

Fonte: FAN PAGE NO FACEBOOK DA FESTA DO DIVINO DE PIRENÓPOLIS, 2015

E assim, dá-se uma nova forma de divulgação. Talvez, o ato de postar fotos em tal evento festivo esteja se tornando um fenômeno social. Não obstante, essa é uma hipótese para outra pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marise Glória. **Um as mulheres que dão no couro, As caixeiras do Divino no Maranhão**. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado em História.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e Imagens do Povo**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cavalladas de Pirenópolis – um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974. 208p.

\_\_\_\_\_. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclóre Brasileiro, 1978.

BATISTA, Ondimar. **Visões de Pirenópolis: o lugar e os moradores face ao turismo**. Goiânia: UFG, 2002. (Dissertação de Mestrado em Geografia)

BUESCO, Maria Leonor C. **O Trigo e as Rosas**. In: Colóquio Internacional de Simbologia: Os Impérios do Espírito Santo na Simbólica do Império, 2., 1985, p. 21-6.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1972.

CERQUEIRA, Márlon José. **Valoração econômica do Ecoturismo**. Estudo de caso: A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis –Go. Monografia (especialização)-Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo. Brasília, 2003.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em Turismo: Planejamento, Métodos e Técnicas**. 9ª ed. Revista Ampliada. São Paulo: Futura, 2007.

1947

DEUS, Maria Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. **História das festas e religiosidade em Goiás**. Goiânia: Alternativa, 2003.

FACEBOOK, FAN PAGE DA FESTA DO DIVINO DE PIRENÓPOLIS, 2015.

FALEIRO, Flávio Fernandes; LOPES, Luciana Maria. **Aspectos da mineração e impacto da exploração de quartzito em Pirenópolis-GO**. In *Ateliê Geográfico*. V 4, N 3, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ateliê/article/view/16655/10101>. Acessado em: 24 de maio de 2012, às 21h21min.

FERRETTI, Mundicarmo. **Origem Portuguesa nos Folguedos Brasileiros: as Danças Mouriscas ao Tambor de Mina**. In: Revista **Letras**, da Universidade de Aveiro (PO), v.24, 2007.

GRUPO DE PESQUISA EM TURISMO E GASTRONOMIA CANELA D'EMA. **Banco de Dados: Demanda turística durante os Festejos do Divino em 2010 e 2012**. Universidade do Estado de Goiás, Câmpus Pirenópolis.

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS - INRC, Manual de Aplicação, MinC/IPHAN, 2000.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê da Festa do Divino Espírito Santo, Pirenópolis – GO**. Brasília: 2010.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas Religiosas: A Materialidade da Fé.** In: **História: questões & debates.** Curitiba:Ed:UFPR, n. 43, p 73-86, 2005.

LIMA, Manuel C. Baptista de. **A Introdução do Culto do Divino Espírito Santo nos Açores e sua influência na simbólica e arquitectura religiosa nos séculos XV e XVI.** In: Colóquio Internacional de Simbologia: Os Impérios do Espírito Santo na Simbólica dos Impérios, 2., 1985, p. 123-67.

LOPES, Frederico. **Memórias Sôbre as Festas do Espírito Santo na Ilha Terceira de Açores.** Boletim Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade, Vol. XV, 1957.

MACEDO, José Rivair. **Mouros e Cristãos: a Ritualização da Conquista no Velho e no Novo Mundo.** In: ALVES, Francisco das Neves (Org.), **Brasil 2000 – Quinhentos Anos do Processo Colonizatório: Continuidades e Rupturas,** Rio Grande-RS, Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2000, pp. 9-28.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Enlaces geográficos de um mundo festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. (Tese de Doutorado em Geografia).

OLIVEIRA, Nadjá da Silva; YASOSHIMA, José Roberto. **Antecedentes das viagens e do turismo.** In: REJOWSKI, Mirian (org.). Turismo no percurso do tempo. São Paulo: Aleph, 2002.

SCHIPANSKI, Carlos Eduardo. **Cavalhadas de Guarapuava: História e Morfologia de uma Festa Campeira. (1889 – 1999).** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009. (Tese de Doutorado em História)

SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988).** Goiânia: AGEPEL, 2001. 229 p.

SINOPSE DOS FILMES GOIANOS. Disponível em: < <http://cinepiri.blogspot.com.br> >  
Acessado em: 11 de janeiro de 2015.

---

i Neste artigo, a celebração ao Divino Espírito Santo será sempre mencionada com letra maiúscula, logo, festa em minúsculo trata-se de festejos alheios ao Divino.

ii Lembrar-se-á que, em Pirenópolis, a Festa do Divino é um complexo cultural no qual existem diversas outras celebrações, menores, mais que possuem importância inestimável na composição desse mosaico festivo, celebrações estas como o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, o Juizado de São Benedito, as Folias, as Cavalhadas, dentre outros.

4 As Cavalhadas são entendidas neste trabalho como uma festa, desse modo optou-se por referir-se a ela no singular.

iv As Cavalhadas é representação das Batalhas da Reconquista travadas na Península Ibérica pelo exército do Carlos Magno. Essas mesmas batalhas inspiraram as Cruzadas que percorreram a Europa de 1096 e as seguintes a mando do Papa Urbano II. A teatralização desse acontecimento histórico era executada, ainda na Idade Média, aos incentivos das autoridades locais, sendo que no interior do reino, cada Cavalhada continha características específicas da região onde era encenada, servindo em muitos casos para o divertimento da nobreza (SCHIPANSKI, 2009). No Brasil, Essa manifestação foi tão difundida quanto o culto ao Espírito Santo, a qual

era possível ser vista no Estado do Rio Grande do Sul nas cidades de Santo Antônio da Patrulha, Glorinha, Caçapava do Sul, São Francisco de Paula. Era possível ver cavalcadas também na Bahia, no Rio de Janeiro e no Tocantins. No Estado de Goiás, em municípios como Jaraguá, Corumbá, Palmeiras de Goiás, São Francisco, Pirenópolis e outras mais. As cavalcadas de Pirenópolis foi encenada pela primeira vez em 1826, mesmo ano em que o então Imperador, Pe. Manoel Amâncio da Luz, instituiu a tradição das Verônicas (doce tradicional do município) e mandou confeccionar a Coroa e o Centro do Divino Espírito Santo em prata pura (BRANDÃO, 1978; SILVA, 2001; FERRETTI, 2007).

<sup>v</sup> As Folias do Divino são bandeiras que saem percorrendo tanto o meio urbano quanto o rural em busca de donativos. Ao que se versa sobre sua origem, estudiosos como Cerqueira (2003), Deus e Silva (2003), Silva (2001) e Jurkevics (2005) afirma que as folias surgiram por iniciativa da igreja com o intuito de levar a evangelização até a zona rural. As Folias também anunciam a celebração do Divino Espírito Santo, e é através delas que o Imperador recebe prendas e doações para a realização da Festa.

<sup>vi</sup> No sábado do Divino, os primeiros grupos saem pelas ruas, e vão aumentando progressivamente até o último dia de Cavalcadas. Os mascarados podem estar a pé ou a cavalo, sozinhos ou em grupos, mas todos devem estar camuflados a ponto de disfarçar a própria voz para não serem identificados. As fantasias desses personagens não segue nenhum padrão, cada um se veste como quer e como pode (SILVA, 2001, p. 48).

<sup>vii</sup> O Sr, Pompeu Christovam de Pina nasceu em Pirenópolis e viveu no município durante grande parte de sua vida. Durante sua trajetória, Pompeu foi vereador, Fabriqueiro da Paróquia, Presidente da Conferência de Nossa Senhora do Rosário da Sociedade São Vicente de Paulo, Diretor do Colégio Estadual Comendador Christóvam de Oliveira, Diretor da Escola e Banda de Música Phoenix, Delegado Regional de Cultura, Membro da Academia Pirenopolina de Letras e recebeu durante o governo do Ex-Presidente Lula, a Comenda de Ordem do Mérito da Cultura.